

Davy Bogomoletz – Resenhista e tradutor

Apresentação

Davy Bogomoletz era muito crítico das traduções de textos de Winnicott e sobre Winnicott. Isso se depreende de várias de suas resenhas, uma das quais, para o livro de Jan Abram, *A linguagem de Winnicott: Dicionário das palavras e expressões utilizadas por Donald W. Winnicott* (Revinter, 2000), está reproduzida no que segue. Como ele cita outra resenha sobre o mesmo livro, escrita por Elsa Oliveira Dias e publicada no mesmo ano na revista *Psiché* (Ano V, Nº7, 2001), a leitura desta segunda resenha torna-se uma contribuição oportuna e importante para um olhar crítico sobre a obra de Winnicott.

Entretanto, ao invés de se limitar a escrever apreciações críticas do trabalho de outros, ele se propôs a refazer certas traduções, em particular a de *Textos selecionados: Da pediatria à psicanálise* (Francisco Alves, 1978), de autoria de Jane Russo. Em uma resenha publicada nesta edição do *Boletim*, Elsa O. Dias avaliou a tradução de Bogomoletz desse livro e a sua “atualização” na edição da Ubu de 2021.

Com a publicação da presente matéria, pretende-se, ainda, resgatar o aparato crítico que Bogomoletz criou para subsidiar suas traduções. Trata-se, ao meu conhecimento, de primeira tentativa de embasar o trabalho de traduzir Winnicott em um estudo aprofundado da sua linguagem e suas teorias. Aqui reproduzimos, em homenagem a Bogomoletz e como exemplo a ser seguido pelos tradutores futuros, com alguns comentários, elementos desse aparato – em sua grande parte suprimido da edição da Ubu –, precedido de material da mesma natureza relativo aos livros *Natureza humana* (Imago, 1990) e *O brincar e a realidade* (inédito). O leitor notará repetições parciais, que foram mantidas para evidenciar a continuidade e o desenvolvimento das pesquisas de Bogomoletz. Em alguns textos, se houver diferença significativa em relação ao uso do *Boletim*, foi feita revisão do português e da formatação.

Érico Humberto Núñez
(IBPW/IWA)

A. Resenha de Davy Bogomotez para o livro de Jan Abram publicada originalmente na revista *Natureza humana*, Volume 3, Número 1: pp. 177-186. Edição de jan.-jun. de 2001.

Jan Abram 2000: *A linguagem de Winnicott: Dicionário das palavras e expressões utilizadas por Donald W. Winnicott*. Rio de Janeiro, Revinter. Tradução: Marcelo Del Grande da Silva
ISBN: 85-7309-373-0

1. Sobre os dicionários

Há cerca de oito anos dei a uma amiga (também psicoterapeuta winnicottiana) a ideia de colecionar, a partir dos índices remissivos dos livros, as frases ditas por Winnicott sobre cada termo. Seria uma espécie de “dicionário”, “escrito” pelo próprio Winnicott. Uns três anos depois ela me presenteou com um par de disquetes contendo cerca de 2 megabytes de termos e definições. Passaram-se outros quatro anos, e ela me disse que havia desenvolvido aquele embrião inicial para muito além do que eu havia previsto. Entregou-me dezessete megabytes de citações, e encarregou-me de fazer os comentários que fossem necessários. Atualmente ela está se preparando para lançar esse trabalho em forma de livro, e certamente será um livro que dará o que falar.

Digo isso para refletir um pouco sobre a natureza e a função de um dicionário. No caso de uma língua, as palavras são os “termos técnicos” a serem definidos. No caso de uma ciência ou de uma disciplina, os termos técnicos podem ser definidos ou, ao menos, descritos, por seu autor ou por outra pessoa. Tratando-se de Winnicott, há o velho e fiel *Limite e espaço*, de Madeleine Davis e David Wallbridge, há o “dicionário”, na verdade um glossário crítico, de Alexander Newman, e o presente vocabulário de Jan Abram. Mas, talvez, a melhor pessoa para fornecer o sentido de suas expressões seja ele mesmo. Um ou duas frases contendo um determinado termo ou expressão darão ao leitor uma ótima possibilidade de compreender o que Winnicott quis dizer com aquele termo.

Sobre este livro ora discutido, eu diria que, muito mais que um “dicionário” da obra winnicottiana, o livro de Jan Abram é um *curso* sobre essa obra. Um curso dividido em pouco mais de duas dezenas de aulas, cada qual com seus subitens. Como curso, sua única desvantagem é ser “dado” na ordem alfabética dos verbetes, e não na ordem cronológica do surgimento das ideias, ou na ordem de importância dessas ideias (se é que alguém conseguiria organizar uma ordem dessa natureza...).

Abram faz mais do que indicar um verbete e dar-lhe o sentido: faz uma classificação, nas vinte e tantas categorias (os termos-título) em que consiste o seu livro, da infinidade de termos e temas abordados por Winnicott, quem sabe partindo da conhecida proposição de André Green sobre as quase tantas “teorias”, como ele denomina as contribuições teóricas de Winnicott à psicanálise (ver *O ser e o viver*, de Júlio de Mello Filho). Pois cada um dos verbetes de que se compõe este “dicionário” é, na verdade, o título de um capítulo bastante abrangente, em que estão contidas diversas noções que, para a autora, podem (e às vezes só podem) ser compreendidas adequadamente no interior do contexto abrangido por aquele termo-título. Por

exemplo, “Agressão”, o primeiro, envolve as questões da agressão na psicanálise em geral, da agressão primária, da crueldade do bebê, da aversão do analista, da evolução da agressão, da fusão, da oposição como necessidade, com sua consequência, a realidade do objeto externo etc. Aqui, já no sumário desse primeiro verbete-capítulo, vemos quantas ideias winnicottianas são abrigadas pela autora sob esse guarda-chuva geral chamado “agressão”. (Quanto à tradução desses vários termos para o português, ver a seção 3 deste texto, a seguir.)

De fato, concordo enfaticamente com a estratégia adotada por Abram, pois a obra de Winnicott não pode ser escrita em linha reta, com começo, meio e fim burocraticamente enfileirados. Ela é, muito mais, um denso emaranhado de noções entrelaçadas umas às outras, que exigem, cada qual, para serem compreendidas, a compreensão prévia de todas as outras, numa espécie de paradoxo labiríntico de imagens que se completam reciprocamente. Não seria impossível escrever um livro com o título “Winnicott de A a Z”, mas o leitor ingênuo provavelmente se veria frustrado pela inevitável confusão que se instalaria já na letra A. Ou seja, Winnicott não é para ingênuos. O que me leva à próxima seção.

2. Sobre o estilo de Winnicott

Ouvi dizer que Lacan teria deplorado o esforço feito por Freud para que o compreendessem, explicando suas ideias ao máximo e tentando ser tão claro e retilíneo quanto possível. Segundo Lacan, o tiro saiu pela culatra: quanto mais claro tentou ser, mais deixou Freud a porta aberta aos mal-entendidos, porque para Lacan as noções freudianas não estariam nunca ao alcance imediato de qualquer um, e a tentativa de facilitar a leitura a esse “qualquer um” resultaria apenas na proliferação de entendimentos equivocados e de interpretações distorcidas. Lacan, ele próprio fiel a esse princípio, fez o que pôde para vedar o acesso aos ignaros, e só os muito escolados conseguem penetrar as espessas defesas com que ele tratou de ocultar os seus pensamentos.

Se aplicarmos esse raciocínio a Winnicott, chegaremos a uma situação quase hilariante. Winnicott, o suave e gentil *gentleman* inglês, fez das tripas coração para escrever uma psicanálise tão próxima da experiência individual quanto possível. Fez o possível para falar uma linguagem que jamais se parecesse com um jargão profissional. Tentou ao máximo facilitar a vida do leitor e fugir ao máximo do academicismo de nariz empinado. Sobre isso, Abram diz explicitamente que Winnicott, “sem fazer alarde, deixou assim de lado a tão desgastada fraseologia psicanalítica, abrindo o caminho para a sua própria linguagem e suas próprias ênfases...” (p. 33 do original, e cito do original porque nesse ponto houve com a tradução uma

espécie de “erro que saiu pela culatra”: a expressão *well-worn* – tão desgastada –, usada por Abram, foi traduzida por “bem vestida”, o que teria sido uma bela blague se não fosse um erro, e só pode ser um erro porque muitas vezes, quando o original requer alguma sutileza, o tradutor acabou errando. Mas esse é outro assunto, a ser tratado adiante).

Infelizmente, é preciso reconhecer que, nesse sentido, Winnicott deu com os burros n’água. São poucos os autores tão infernalmente enganosos em sua aparente simplicidade quanto esse inglês baixinho, tão gentil e tão suave, e, no entanto, tão terrível em sua diabolicamente infinita sutileza. Traduzi, de Winnicott, *Natureza humana*, há dez anos atrás, e *Da pediatria à psicanálise*, no ano passado, e logo em seguida fiz uma revisão completa na tradução de *O brincar e a realidade*. Quase posso dizer que “suei sangue”. O esforço de traduzir Winnicott não se deve à complexidade de suas frases e ao seu vocabulário erudito. Ao contrário: seu inglês é quase, como se diz em informática, *user friendly*. Mas aí daquele que tentar chegar a Winnicott acreditando que o texto é simples. Eu diria que há nele algo da música de Debussy (penso naquele trecho tão conhecido, *La Mer*, tão aparentemente simples quanto verdadeiramente abismal em sua profundidade). Sim, ele foi bastante simples ao falar para não psicanalistas, mas mesmo nessas horas é preciso, para entendê-lo, deixar de lado todo o modo de pensar cartesiano arduamente aprendido por todos nós na escola primária. Quem tentar entender os ensinamentos de Winnicott para leigos como um método de “como cuidar dos filhos”, por exemplo, vai chegar ao fim da leitura mais confuso do que antes. Assim sendo quando fala a leigos, o que dizer de seus textos dirigidos a profissionais?

3. Sobre a contribuição psicanalítica de Winnicott

Os textos teóricos de Winnicott têm dois “sentidos” inevitáveis. Primeiro, o sentido óbvio do assunto específico por ele abordado, seja o do falso *self*, do objeto transicional, da capacidade de estar só, e assim por diante. Existe uma “psicanálise winnicottiana” tão coerente e consistente em si mesma quanto as psicanálises de Freud, Lacan, Melanie Klein e Kohut. Há um sistema psicanalítico inteiramente desenvolvido e quase inteiramente autossustentado (o “quase” fica por conta dos fenômenos que ele encontra em Freud e Klein e adota como tais, como fazem outros teóricos). Mas não é só. Winnicott não se limita a reformular os elementos da psicanálise fundamental dos quais discorda ou a enriquecer essa psicanálise básica (freudiana-kleiniana) com elementos novos, complementando-a. Ele vai mais longe: não só reformula alguns conceitos centrais da psicanálise até então adotada (complexo de Édipo, posição depressiva, agressividade etc.), como propõe à consideração dos psicanalistas novos

fenômenos até então desconhecidos (espaço potencial, objeto transicional, dupla dependência, moralidade inata, verdadeiro e falso *selves* etc.), bem como sugere novas bases epistemológicas para a teoria da psicanálise, e obriga o leitor, para poder compreendê-lo, a uma mudança no próprio *modo de pensar*. Embora seja uma profunda injustiça dizer (como há quem diga) que Winnicott escreveu “poesia” e não ciência, o leitor deve lê-lo mais com a mente de quem lê poesia (aceitando a fluidez de sentidos e o paradoxo em lugar da linearidade) do que com a mente de quem lê um texto técnico tradicional. Sobre isso tem se falado cada vez mais nos círculos mais voltados para os estudos da teoria winnicottiana – ano passado, por exemplo, Zeljko Loparic, de São Paulo, escreveu um esplêndido trabalho sobre as diferenças entre os paradigmas científicos de Freud e os de Winnicott. E esse aspecto da contribuição de Winnicott não é apenas lateral à sua conceituação teórica: trata-se de um aspecto central, de um *sine qua non* para a própria inteligibilidade de suas proposições – inclusive do ponto de vista mais “prático”, a “arte” da terapia psicanalítica em si mesma (embora o próprio Winnicott diga expressamente que nada há de “arte” no que ele propõe – a atitude do analista em relação ao paciente, no caso, o paciente *regredido*, sendo inteiramente *científica* (ver “Aspectos clínicos e metapsicológicos da regressão”, em *Da pediatria à psicanálise*).

Nesse *A linguagem de Winnicott*, de Jan Abram, o aspecto forte está no primeiro dos dois sentidos mencionados, o que trata a contribuição de Winnicott como uma teia ou um tecido, em que os fios não se sucedem uns aos outros, mas entrecruzam-se sistematicamente, interpenetram-se, justapõem-se e atravessam uns o caminho dos outros, como já assinalei ao descrever o verbete-capítulo inicial do livro, sobre a agressividade. Mas o segundo sentido, o das transformações (Loparic diz “revoluções”, e eu concordo inteiramente) epistemológicas e paradigmáticas, não encontra lugar no trabalho de Abram (e não porque tais aspectos não tenham sido discutidos antes – o próprio Loparic mostra, em seu texto, como Phillips e outros já se aventuravam nessa direção há algum tempo). Creio que a explicação para essa aparente falha está em que, pioneira na tarefa da sistematização (mais que Alexander Newman, que com seu interessantíssimo *Non-compliance in Winnicott's words* é bem mais ousado quanto ao segundo aspecto, embora menos disciplinado e acadêmico quanto ao primeiro), Abram já fez muito em nos dar esse embrião de um “Laplanche e Pontalis” winnicottiano, que pode transformar-se, em edições posteriores, num dicionário de peso científico ainda maior. Cabe relevar-lhe a falta de ousadias epistemológicas. Essa, ao menos, é a minha opinião.

Mas há ainda que considerar a questão do modo como o livro foi traduzido para o português, e isso me leva ao ponto seguinte.

4. Sobre a tradução

Traduzir é unir, dizem os tradutores. Ao fazer seu trabalho, o tradutor permite que autor e leitor, *a priori* condenados à solidão do mudo que se vê diante do surdo, encontrem-se e falem um com o outro, dialoguem, relacionem-se.

Mas traduzir é trair, dizem os críticos. Ao verter o texto para a nova língua, não pode o tradutor escapar de deturpá-lo, pois não existe correspondência total entre os universos fenomênicos de duas línguas distintas.

Assim, chegamos à conclusão de que o tradutor não trai por desejar fazê-lo, mas porque a isso o condena a fatal diferença entre esses dois universos fenomênicos – o da língua do texto original e o da língua do texto traduzido.

Estando o tradutor situado entre o autor e o leitor, porém, ele poderia, teoricamente, trair a um, a outro, ou a ambos. É preciso saber, portanto, a quem o tradutor está traindo. Trair, afinal, é verbo transitivo.

Ao trair o autor, o tradutor o faz por amor ao leitor. Modifica, então, a forma da frase para que, na sua nova morada linguística, seu sentido fique mais claro para quem a lê. Isto, porém, envolve também um amor ao autor, pois este se beneficia mais da compreensão do leitor que da literal reprodução de seu texto. Ao trair o leitor, por outro lado, o tradutor aferra-se à lealdade para com o autor, e cabe ao leitor, abandonado à própria sorte, queimar seus neurônios para entender o que o autor quis dizer com aquilo. Ao trair a ambos, porém, o tradutor não só modifica a forma da frase, como ainda altera-lhe o sentido, deixando tanto o autor quanto o leitor, sozinhos, mudo um e surdo o outro, incapazes de se comunicar e com a estranha sensação de terem sido logrados.

De todos os aspectos desta resenha, o mais ingrato é justamente o que diz respeito à tradução. Em sua *Introdução* ao livro, esse grande psicanalista, ser humano e amigo que é José Outeiral – que aparece com grande destaque na capa do livro como Apresentador e Revisor Técnico, dupla garantia, portanto, em termos de *marketing* – concedeu-me uma principesca honra ao nomear-me *madrích* da presente tradução. (*Madrích* – guia, usada também no sentido de orientador, preceptor, etc. – é uma palavra hebraica que significa “aquele que mostra o caminho”, e deriva de *dérech*, caminho.) Isto pela tradução que fiz para *Natureza humana*, em 1990. Ele menciona expressamente as minhas “considerações sobre os termos utilizados e sua tradução”, na nota que escrevi sobre os problemas da tradução do livro.

Qual não foi o meu espanto, pois, ao perceber, ao longo da leitura, que o tradutor de *A linguagem de Winnicott* não só não se baseou no que lá escrevi, como sequer *leu* aquela nota,

tais as discrepâncias entre o que fiz eu naquele momento e o que faz ele agora. E como se não bastasse isso, nem a si mesmo seguiu ele com consistência, pois, ao longo do livro, há traduções diferentes para o mesmo termo. Cabe-me apenas lamentar por Outeiral, que não impediu a editora de lançar o livro – talvez por pressa – sem revisão técnica alguma da tradução. Pois se esta tivesse ocorrido, teríamos agora um texto muito, mas muito diferente.

Citei no início o termo-título do primeiro capítulo, “Agressão”, para exemplificar o trabalho realizado por Abram. Pois bem: já em 1990, e sabendo talvez a metade do que sei hoje, dei-me conta de que a palavra *aggression* não pode ser traduzida por “agressão”, como o fez, por exemplo, Jane Russo na antiga tradução de *Da pediatria à psicanálise*, pelo simples fato de que os ingleses parecem não gostar muito do substantivo *aggressiveness*, ou então porque atribuem o mesmo sentido aos dois vocábulos. Em português “agressão” significa necessariamente um gesto, enquanto “agressividade” indica uma potencialidade, não um gesto. Essa potência chamada “agressividade”, a qualidade daquilo que é agressivo, implica algo que pode ou não acontecer, realizar-se. Já “agressão” significa, para todos os efeitos, o gesto que, a partir da agressividade como potência, atualiza essa potência e deflagra um comportamento que chamamos de “agressor” ou “agressivo”. O problema é que não se trata, aqui, nem de semântica nem de gramática, e sim de psicanálise. Pois um dos aspectos que diferencia a psicanálise de Winnicott das demais (salvo a de Kohut, que não conheço o bastante) é justamente a percepção inteiramente diversa que ele tem precisamente desse fenômeno. Um psicanalista que, em vez de discutir a natureza agressora, destrutiva, hostil do bebê humano, fala de sua criatividade, de sua moralidade e de sua tendência à integração, todas inatas, um psicanalista que, para falar da capacidade do bebê de atacar a mãe e mesmo machucá-la recorre à palavra usada, na língua inglesa, para designar a agressividade dos animais carnívoros, portanto inteiramente desvinculada de qualquer conotação valorativa (prerrogativa do animal cultural humano), que é *ruthlessness* (significando literalmente ausência da capacidade de importar-se, de apiedar-se, de compadecer-se), não merece que, numa tradução, sua ideia seja desvirtuada pelo uso, como uma palavra pretensamente paralela na outra língua, de termos que implicam inevitavelmente hostilidade, destrutividade e outros fenômenos do gênero. Por isso, traduzir *aggression* como agressão poderia ser tolerado num texto em que a conotação desse termo português coubesse na ideia original, mas jamais num texto de Winnicott. (Sobre isso, ver o que a própria Abram diz a respeito, ao longo desse mesmo capítulo. Fica a impressão de que o tradutor simplesmente não leu o que estava traduzindo, ou não estava muito preocupado com as conotações das palavras. Bastou-lhe, ao que parece, encontrar um equivalente, qualquer equivalente, e pronto.)

O mesmo deve ser dito quanto ao uso de “cruel” e “crueldade” para traduzir *ruthless* e *ruthlessness*, e quanto ao uso de “preocupação” para traduzir *concern*, e esses foram justamente dois dos aspectos que apontei em minha nota à tradução de *Natureza humana*. Infelizmente, Outeiral me dá o título de *madrích*, mas o tradutor propriamente dito parece que não se deu conta das intenções de seu revisor técnico a esse respeito. O problema da tradução desse e de outros termos winnicottianos não foi por mim resolvido – e deixei isso bem claro tanto em *Natureza humana* quanto em *Da pediatria à psicanálise*. Zeljko Loparic e Elsa Oliveira Dias, que também têm uma preocupação intensa em encontrar os melhores termos para a tradução de Winnicott, concordam quanto à dificuldade em fazê-lo, e propõem várias soluções próprias para alguns desses termos (“si-mesmo” para *self*, “incompadecimento” para *ruthlessness*, “concernimento” para *concern*, etc.). Talvez não sejam soluções definitivas, mas creio que há uma diferença fundamental entre não resolver um problema e tratar de solucioná-lo de qualquer maneira.

Não conheço ninguém que, em sã consciência, advogue a desimportância dessa questão entre os psicanalistas winnicottianos mais conhecidos. O tradutor do livro, porém, pelo visto, não consultou ninguém, e não só não se preocupou em ajudar a resolver o problema, como sequer se importou em aumentar a confusão. Nesse sentido, não posso dizer que ele foi *ruthless*: só posso dizer que foi definitivamente *cruel*! Se não por ação deliberada, por *omissão* negligente e retumbante. O tradutor aparece, na página de rosto do livro, como psicanalista. Imagino (eu disse “imagino”) que seja um bom psicanalista, para ter sido escolhido por Outeiral para traduzir o livro. Infelizmente, Outeiral o terá julgado por suas qualidades terapêuticas, ou pessoais, mas não por seu conhecimento teórico de Winnicott ou por sua competência no uso da língua inglesa. Deixo claro que minhas críticas ao tradutor Marcelo Del Grande da Silva não dizem respeito algum à sua pessoa ou a ele como psicanalista. Espero ter sido claro ao menos neste ponto.

Elsa Oliveira Dias, na resenha que fez desse mesmo livro para a revista da Universidade São Marcos, em São Paulo, conclui dizendo que a tradução brasileira anulou uma boa parte da contribuição de Abram. Eu iria mais longe e diria que um livro com tanta importância científica quanto esse, traduzido dessa maneira, é tanto um contrassenso quanto um verdadeiro atentado, pois quem quer que nele confie para fundamentar alguma ideia com base em Winnicott, ou nele tente encontrar explicações para o sentido de alguma ideia winnicottiana, corre o risco de errar o seu alvo de maneira clamorosa e desastrosa. Infelizmente, a presença do meu querido amigo José Outeiral à frente da produção do livro não foi levada muito a sério pela editora que o publicou: essa é a minha conclusão. Já vi livros serem levados ao prelo sem que nenhuma

tentativa de avaliar a tradução tenha sido feita, e eu próprio já publiquei vários livros que tive que retraduzir quase inteiramente, a fim de não passar vergonha, tamanha era a inconsistência da tradução ou sua incompetência em inglês, em português ou quanto ao assunto abordado. Não posso imaginar que Outeiral tenha lido o original da tradução e deixado passar tantos e tamanhos erros. Só posso imaginar que a pressa em colocar o livro no mercado levou a editora a imprimi-lo sem dar tempo para qualquer revisão. Uma “prova” que demonstra essa minha suspeita é a decisão de, em vez traduzir o índice remissivo do original e dar-se ao trabalho de encontrar a incidência dos termos na edição brasileira, a editora optou por “resumir” o índice original, oferecendo ao estudioso brasileiro meras quatro páginas de índice em vez das muitíssimas mais da edição inglesa. O cuidado e o esmero da apresentação gráfica do livro poderiam indicar um certo carinho da editora em relação a ele, mas quem já trabalhou em editora sabe que esse aspecto da produção de um livro pode perfeitamente ser realizado ao mesmo tempo em que a tradução e a revisão estão sendo feitas, enquanto que o índice remissivo só pode ser preparado depois do livro pronto (para localizar as incidências dos termos na forma gráfica final). Por tudo isso, e levando em conta que, no Brasil, já fomos literalmente *agredidos* por várias traduções lamentáveis de Winnicott, perpetradas por diversas editoras (exemplos notórios, mas não únicos, são *Explorações psicanalíticas* e *O ambiente e os processos de maturação*), deixo aqui o meu protesto por esse quase antológico delito editorial com que nos brinda a Revinter, por publicar um *dicionário* tão pouco preciso e tão pouco cuidado. Ficam aqui meus protestos mais veementes, e meus votos para que uma segunda edição, inteiramente revista, seja logo posta à disposição do público. Caberia aqui, inclusive, com inteira legitimidade, o recurso àquilo que outras indústrias chamam de *recall*, quando oferecem conserto ou substituição *gratuita* aos que adquiriram produtos defeituosos ou problemáticos em sua utilização. Seria um tanto pretensioso dizer que a leitura equivocada do livro de Abram poderia prejudicar seriamente a saúde ou o trabalho de alguém, como acontece com automóveis que saem de fábrica com problemas nos freios; mas o fato é que nem Winnicott, por sua devoção de vida inteira ao entendimento cada vez mais sutil e sagaz da natureza humana, nem Jan Abram, por seu esforço maratônico em preparar um livro de tamanho fôlego e tanta seriedade, mereciam esse tipo de injustiça. Nem o leitor brasileiro interessado em Winnicott. A este cabe, a meu ver, o direito de exigir da editora que faça os consertos e lhe troque o produto que adquiriu. Pois um livro *técnico* contendo informações erradas é um ato de desrespeito total ao consumidor, algo parecido com vender terrenos na Avenida Atlântica no lado ímpar. E a Revinter, pelo que sei, é antes de mais nada uma editora de livros *técnicos*!

Sei que estou sendo impiedoso em meu julgamento, mas aqui tampouco caberia o uso do termo *ruthless*, pois tenho total consciência da minha deliberada intenção de ser contundente e causar desconforto aos que forem atingidos por meu gesto agressivo. E o faço por entender que, definitivamente, tanto Winnicott é um autor importante demais para ser tratado com tamanha desconsideração quanto nós, os psicanalistas winnicottianos, somos numerosos demais para ainda sermos tratados com esse pouco caso.

B. Aparato crítico de Davy Bogomoletz para *Natureza humana, Imago, 1990.* (Texto publicado como Nota Introdutória à Tradução, (pp, 9-13)).

É espantosa a coerência interna dos textos de Winnicott, esse homem tão avesso à sistematização e aos procedimentos rigidamente acadêmicos. Mas traduzi-lo foi uma aventura que, além de fascinante, nem um pouco teve de confortável.

Motivos não faltaram. O mais conhecido de todos: alguns dos principais termos empregados por Winnicott, algumas das colunas mestras do seu pensamento, são palavras da língua inglesa sem correspondente preciso em português. Aqueles que, há trinta anos atrás, deram tratos à bola tentando traduzir “insight” sabem do que estou falando. Por fim os tradutores desistiram e ficou insight mesmo, às vezes em negrito ou itálico, às vezes nem isso: uma palavra inglesa importada (por falta de similar nacional, como se diz hoje no mundo da informática, onde esse mesmo fenômeno ocorre todos os dias).

Palavras como *concern*, *ruthlessness*, *holding*, *timing*, por exemplo, fazem os tradutores tremerem ante as duas saídas inglórias: trair o autor, traduzindo mal o seu pensamento, ou trair o leitor, deixando a palavra no original e a tradução incompleta. Uma coisa é certa: da condição de traidores não escapamos.

Como psicanalista “winicottiano”, cansei de brigar contra os termos até agora utilizados pelos outros tradutores de Winnicott, encontrando em cada palavra “nacional” a parte da ideia inglesa mal traduzida ou deixada de lado. Minha sorte, porém, não foi melhor: algumas dificuldades revelaram-se (para mim) incontornáveis.

Winnicott escreveu este livro no inglês mais simples e cotidiano. Outros textos dele não são tão pouco eruditos quanto este. Mas neste, o mais difícil não foi decifrar as expressões inglesas desconhecidas: foi traduzir palavras e expressões absolutamente banais em inglês de modo que, em português, o texto não soasse vulgar. É uma questão de usos e costumes: em português “não se usa”, para escrever livros técnicos, coisas que em inglês são perfeitamente

admissíveis. Por um lado, não era legítimo “elevar” o nível da linguagem, pois seria novamente uma traição ao autor, e por outro lado, não me foi possível admitir certas traduções literais, que certamente pareceriam ao leitor brasileiro erros de tradução ou absurdos no texto original. Fiz o que pude para fugir aos dois extremos, mas sei que falhei: o texto em inglês é muito mais coloquial do que este que aí está! Sinto muito.

O termo *concern*, por exemplo, sua origem é latina, o verbo *cerno*, *is*, *crevi*, *cretum*, *ere* (*cernere*, no infinitivo), segundo o *Dicionário latino vernáculo* de Marques Leite e Novaes Jordão e o *Dicionário latino-português* de Cretella Júnior e Ulhôa Menezes, significava para Plínio “apartar, joeirar, separar”; para Virgílio, “ver, olhar”, e para Cícero, “entender, julgar, deliberar”. A raiz é grega, *krino*, “julgo”. Já *concerno* era empregado por Cícero no sentido de “ver claramente”. O dicionário *Macmillan* diz que *concern* vem do latim medieval *concernere*, “relacionar-se a”, que provém do latim tardio *concernere*, “misturar, que por sua vez se origina no latim clássico *con* “junto” + “peneirar, ver”.

A palavra, portanto, tem dois sentidos originais básicos: peneirar (separar uma substância de outra) e ver. (A ideia de discernir faz uma ponte entre os dois sentidos.)

Na língua inglesa, os sentidos de *concern* dados pelo dicionário *Macmillan* são: 1. Relacionar-se a, ser de interesse de; 2. Preocupar, causar problemas; 3. Envolver ou ocupar. Na forma reflexiva: 1-aquilo que se relaciona, que afeta; 2-solicitude, preocupação, ansiedade. O dicionário remete ao termo correlato *care*, enfatizando o sentido de *concern* como envolvimento, interesse por, enquanto *care* teria maior proximidade com a ideia de cuidar, cuidados.

Por tudo isto, a palavra “preocupação”, tão utilizada pelos diversos tradutores, embora não erre o alvo, não me parece cobrir inteiramente as acepções do termo *concern*. Não pude encontrar uma palavra em português que reproduzisse fielmente as diversas intenções do original. Preferi manter *concern*, na esperança de que o leitor faça a sua parte e fique tão *concerned* sobre o termo *concern* quanto este exige.

Um outro termo chave winnicottiano, *ruthlessness*, apresenta dificuldade quase idêntica. A palavra provém de *ruth*, cuja raiz nórdica *hryght* é traduzível por “aflição, pesar”. *Ruth* significa: 1. compaixão, pena, e 2. sofrimento, remorso. (Por uma estranha coincidência, a figura bíblica de Ruth possui as mesmas características de personalidade que fazem o sentido da palavra inglesa, a ponto de ter me parecido, inicialmente, que havia uma ligação entre essa palavra e o nome da personagem bíblica. O dicionário, porém, desmente essa hipótese.)

Por essas significações, o termo *ruthful* é um sinônimo quase perfeito para *concerned*. *Ruthless* seria, então, o seu antônimo. A palavra crueldade, frequentemente utilizada para

traduzir o substantivo *ruthlessness*, “a qualidade daquele destituído de compaixão ou remorso”, não me parece apropriada, a não ser no sentido original, proveniente da ideia de *cruza*, aquilo que existe em estado bruto. No sentido que normalmente damos a esta palavra em português, ela possui uma conotação hostil, indicando a atitude ou a disposição de fazer mal. Tal sentido não existe necessariamente na palavra inglesa, de modo que os mais preocupados com a precisão sugerem o adjetivo *impiedoso* para traduzir o correspondente *ruthless*, com a desvantagem de o substantivo *impiedade* ser muito pouco usado em português, além de possuir uma ressonância religiosa inteiramente ausente da palavra inglesa. Além do mais, a partícula *less* possui o sentido de ausência de, e não de oposto a, de modo que traduzir qualquer palavra terminada em *less* por outra que implique no oposto do vocábulo em questão é, no mínimo, impreciso. Por isso, a mim ocorreu que “implacabilidade” e “implacável”, designando a atitude daquele que não se deixa deter em seus propósitos por nenhum tipo de consideração, talvez fosse uma alternativa mais útil. Mas optei por manter também este termo intraduzido. Os dois termos de Winnicott têm um sentido próprio impossível de conter numa única e inevitável palavra da língua portuguesa. Não me pareceu correto, por isso, permitir que uma tradução aproximada levasse o leitor a entender mal as intenções precisas do autor.

Em inglês, existem várias palavras que descrevem com precisão as diversas faixas etárias do ser humano quando muito jovem. Assim, há o termo conhecido *childhood*, infância. Já *child* significa criança. Mas o termo *infancy* não significa infância e sim “a idade do bebê”. *Infant*, então, quer dizer bebê (do latim *in* + *fans* – aquele que não fala). Assim, traduzi *infant* por “bebê” (rejeitei o termo *lactente*, pois não condiz com a linguagem tão informal de Winnicott) e *infancy* por “primeira infância”. Há ainda o termo *toddler*, para indicar o bebê que aprende a andar, e que não pude traduzir por uma única palavra.

O termo *holding*, um gerúndio que aqui funciona como substantivo, de abundante presença na obra dos psicanalistas da Escola Inglesa, às vezes tem que ser traduzido pelo popular “levar ao colo”, às vezes por “segurar” (o bebê). Já *timing* implica em medida de tempo, percepção do momento certo, sincronização adequada. Mas são termos já de uso corrente entre os psicanalistas, que não haveria por que traduzir. O termo inglês *self* está, ele também, tão popularizado entre os psicanalistas brasileiros, e tantas vezes, ao longo de um texto winnicottiano, ele difere sutilmente do termo eu, já que há nele uma dimensão inconsciente que não existe na palavra eu, que considerei mais apropriado utilizar diretamente *self*.

Um termo de grande importância na obra de Winnicott é *deprivation*. É aparentado à palavra *privation*, privação, mas difere dela num aspecto essencial: enquanto esta última implica numa situação de falta, de privação, de carência total, a primeira designa uma situação

específica, em que algo ou alguém até então possuído, tido, com o que ou quem uma criança contava, lhe é retirado de modo súbito. Winnicott considerava a *deprivation* a origem da tendência antissocial. O neologismo “deprivação” está incorporado à linguagem técnica psicanalítica brasileira, no contexto winnicottiano.

Uma grande controvérsia haverá, certamente, em tomo da palavra *instinct*, que eu preferi traduzir pelo questionado termo “instinto”, e não pelo mais correto “pulsão”. Isto porque “pulsão” é a palavra adequada para traduzir o termo freudiano *Trieb*, mas o tradutor oficial da obra de Freud para o inglês, James Strachey, com a concordância expressa de Freud, preferiu *instinct* à palavra mais direta *drive*. As razões por ele alegadas estão nas “Notas Sobre Alguns Termos Técnicos Cujas Tradução Requer Explicação”, no Vol. I da Edição Standard Brasileira das *Obras completas* de Sigmund Freud. Meu ponto de vista para traduzir *instinct* por “instinto” e não por “pulsão” foi o de que, primeiro, o texto de Winnicott está em inglês e não em alemão, e segundo, à época em que Winnicott faleceu (1971), ele ainda continuava revisando o seu manuscrito, iniciado em 1954, e manteve o termo *instinct* intocado. Ao leitor cabe a tarefa de trazer em mente que o sentido correto da palavra “instinto” no contexto da psicanálise britânica é bem diverso daquele que ela tem em outros contextos (o zoológico, por exemplo). Não me agrada criar mais este desconforto ao leitor, mas acredito que quem buscava simplicidade não iria procurá-la no interior da literatura psicanalítica.

Cabe-me registrar uma imensa gratidão aos que contribuíram para facilitar o meu trabalho. A Edson Soares Lannes, Carlos Alberto Lannes e Miriam Podlubny, pelas sugestões que em muito melhoraram a precisão e a fluência do texto. A Sonia e Mara, por um estafante trabalho braçal. E a Vera Besouchet Pinheiro, por haver revisto toda a tradução em sua primeira fase, localizando e corrigindo um número enorme de erros.

Rio de Janeiro, outubro de 1989.

C. Aparato crítico para *O brincar e a realidade*, Imago, 1991. (Texto preparado para sua revisão deste livro, mas que não foi publicado).

Nota sobre o termo “*possession*”. No capítulo 1, Objetos transicionais e fenômenos transicionais.

O termo “*possession*” foi traduzido na edição anterior do livro como “*possessão*”. Lembrando as ressonâncias mal-assombradas desta palavra (confirmadas pelo Aurélio), prefiro

o mais simples “posse”, indicando algo do qual a criança se apossa, e afastando ao máximo a ideia de “algo que se apossa da criança”[...]. (N. do R.)

Nota sobre o termo “apercepção”. No capítulo 1 – Objetos transicionais e fenômenos transicionais.

O termo corresponde a um modo de percepção que não está inteiramente submetida à objetividade da realidade externa, mas mantém-se ligada ao mundo subjetivo. Cf. Winnicott “Vivendo de modo criativo”, in *Tudo começa em casa*, São Paulo, Martins Fontes, 1ª edição, p. 33. (N. do R.)

Nota sobre o termo “deprivação”. No capítulo 1 – Objetos transicionais e fenômenos transicionais.

Termo introduzido por Winnicott no artigo “A Tendência Anti-Social”, (ver *Da pediatria à psicanálise*, op. cit.), indicando a perda abrupta de uma figura parental importante para a criança pequena ou de algo com o qual a criança já podia contar. (N. do R.)

Nota sobre o termo “normal”. No capítulo 1 – Objetos transicionais e fenômenos transicionais.

Utilizei “normal” para traduzir “ordinary”, no sentido de “comum”. (N. do R.)

Nota sobre o uso dos termos “play = brincadeira” e “playing = brincar”. No capítulo 3 – O brincar: Uma exposição teórica.

Ainda assim, na maioria das vezes em que o autor usa o termo “play” (brincadeira), preferi utilizar “o brincar”, que me pareceu mais pertinente. (N. do R.)

Nota sobre o termo “tantalizante”. No capítulo 5 – A criatividade e suas origens.

Tântalo, personagem da mitologia grega, recebeu dos deuses uma punição que consistia em ter tudo o que queria ao alcance da mão, mas cada vez que a estendia para apanhar algo, a coisa afastava-se e não se deixava agarrar. (N. do R.)

Nota sobre o termo “split-off”. No capítulo 5 – A criatividade e suas origens.

Modifiquei a tradução de “split-off” de “expelido”, que não me pareceu adequada, pois não se trata aqui de um ato de exclusão, para “cindido”, pois o que há é um afastamento, colocação à margem ou à parte.

Nota sobre o termo “exploração”. No capítulo 5 – A criatividade e suas origens.

O verbo explorar tem dois sentidos em português, um de “percorrer para conhecer melhor”, e outro de “tirar vantagem ilegítima”. Em inglês temos “exploration” para o primeiro sentido, e “exploitation” para o segundo, que é o caso neste ponto (N. do R.)

Nota sobre o termo “identidade”. No capítulo 5 – A criatividade e suas origens.

Cabe alertar que o termo “identidade” neste momento diz respeito à ideia de igualdade, equivalência, e não à percepção de si mesmo como alguém específico (N. do R.)

D. Aparato crítico para *Da pediatria à psicanálise: Obras escolhidas. Imago, 2000.*

Texto publicado como uma “Nota Introdutória” à tradução e como “notas de rodapé” para o mesmo livro¹.

1. Sobre a Tradução

Tentei manter em língua portuguesa um estilo que, a meu ver, Winnicott teria usado se escrevesse nessa língua. Se errei o alvo em excesso ou não, só o leitor poderá dizer.

Quero agradecer postumamente à saudosa Jeannine Kalmanovitch, que traduziu Winnicott para o francês. Graças à sua tradução, acompanhada por ele na primeira edição (1969), consegui (creio eu) decifrar vários sentidos obscuros do original (Winnicott gostava de ser simples, mas nem sempre). Agradeço também à Dra. Elsa Oliveira Dias, com quem discuti a tradução de vários termos, e que me impediu de cometer algumas afoitezas. E agradeço ainda à primeira tradutora do livro, Jane Russo, que abriu muitos caminhos e da qual foi uma honra discordar.

Alguns termos exigem uma explicação para o leitor, cujos comentários serão muito bem-vindos.

Concernimento: Elsa Oliveira Dias e Zeljko Loparic, dois grandes pensadores winnicottianos da atualidade, propõem – e eu aceito – traduzir *concern* como “*concernimento*”.

De-privação: Ver “A Tendência Antisocial”, Cap. XXV. O hífen e o itálico realçam no texto a sua natureza especial.

¹ Mostro aqui apenas as notas de rodapé que não foram publicadas na nova edição deste livro, realizada em 2021 pela Ubu Editora.

Impiedoso / Sem compaixão: Em *Natureza humana* deixei esse termo no original. Agora proponho que *ruthless* (adj.) seja traduzido por “sem compaixão ou piedade”, (“impiedoso”) e *ruthlessness* (subst.), por “ausência de piedade ou compaixão”. (Ver “Nota Introdutória à Tradução”, em *Natureza humana*, e N.T. à pág. 234)².

Instinto: Elsa O. Dias lembra-me que Winnicott manteve deliberadamente o termo “*instinto*”, em vez de “pulsão” (*drive*). O estudo de Zeljko Loparic a esse respeito – “O Conceito de *Trieb* na Psicanálise e na Filosofia”, apresentado à Sociedade Brasileira de Psicanálise em 13/09/97, é de longe o melhor que li até agora. Ver também a carta de Winnicott a Money-Kyrle (Carta n° 26), em *The spontaneous gesture*.

Inutilidade: Esta palavra descreve melhor que “futilidade” o que Winnicott quis dizer com “*feeling of futility*”, esse sentimento cinzento de que “não adianta”, “seja o que for, é inútil”. Na ideia de “*feeling of futility*” há uma conotação desesperançada que “futilidade”, em português, não possui.

Primeira infância: Em inglês, *childhood* é “infância”, e *infancy* refere-se à fase da infância em que o bebê ainda não fala (in-fans, em latim: 'não-fala'). “Primeira infância” significa aqui, “primeira parte da infância” (até os dezoito meses, mais ou menos), e “infância”, toda a fase anterior à adolescência. O termo “*toddler*” é traduzido por “o bebê que aprende a andar”.

Psicossoma: Em *Natureza humana* modifiquei o tradicional “psique-soma” para “psicossoma”, mas mantive o hífen (compulsório em inglês). Desta vez ousei um pouco mais, e surgiu “psicossoma”, indicando uma unidade. Em *Psycho-analytical explorations* (pág. 104) Winnicott comenta que o problema da Psicossomática é justamente esse hífen, ou seja, a cisão entre a psique e o soma.

2. Notas que acompanham o texto

Página 15, nota 1

Para traduzir *non-integration* ocorre-me propor o termo “inintegração”. Fica a sugestão.

² Na página 234 da edição Imago, não há nenhuma nota. Tudo faz crer que Bogomoletz está querendo se referir à nota 1 da página 230, reproduzida abaixo. Ou talvez, à nota 2 da página 359, de conteúdo afim, também reproduzida abaixo.

Página 16, nota 1

Winnicott utilizava sempre o termo “instinto” (ver, por exemplo, *Natureza humana*, Imago, 1990). Com certeza não lhe escapava a distinção científica entre “instinto” (impulso com objeto definido) e “pulsão” (impulso com objeto em aberto). Mas talvez porque a tradição psicanalítica inglesa manteve o “instinto”, ele também preferiu mantê-lo, e assim o mantive eu. Ao leitor cabe perceber que não se trata de um erro – nem dele, nem meu. Masud Khan usa o termo “*pulsion*”, e assim foi traduzido.

Comentário.

Erro de revisão da Imago. M. Khan usa o termo *instinct* e, no corpo do texto, Bogomoletz o traduz corretamente por “instinto”. O revisor da Ubu repetiu o erro da Imago (Ubu, p. 18).

Página 25, nota 2.

Considere importante, a fim de manter a clareza, traduzir *deprivation* por “de-privação”, com seu sentido especificamente winnicottiano, para distinguir da “privação” com seu significado apenas vernacular.

Página 29, nota 1.

Cf. com “estar só na presença do outro”. No início, a não-integração é inerente a onipotência, e, portanto, a indiferenciação.

Página 29, nota 2.

Lembremo-nos, aqui, da *ruthlessness* e do repúdio ao não-eu.

Página 40, nota 1

Infância precoce refere-se à criança que ainda não fala. (Do latim *in+fans*, o que não fala). Foi traduzido por “infância precoce”. Geralmente, o substantivo *infant* foi aqui traduzido por “bebê”.

Páginas 86-87, nota 2.

Notas do Tradutor Atual

A inclusão destes dois primeiros artigos no livro *Da pediatria à psicanálise* (na segunda edição francesa do livro, revista e ampliada, organizada por Jeannine Kalmanovitch em 1989, eles foram retirados) presta-se à percepção de Winnicott enquanto pediatra. Não digo “enquanto ainda pediatra”, pois ele nunca deixou de sê-lo. Mas certamente cabe dizer “enquanto ainda não

psicanalista”. O primeiro artigo já revela as preocupações do autor com os aspectos emocionais de seus pequenos pacientes, e o segundo, de natureza inteiramente médica, demonstra um de seus princípios teóricos fundamentais: o extremo cuidado no diagnóstico preciso de uma condição desfavorável.

O mesmo tipo de conflito de diagnósticos, levando à percepção de o quanto ideias preconcebidas e generalizadoras podem impedir o tratamento adequado de um paciente específico, encontramos no comovente e contundente depoimento de Margareth Little, no livro *Ansiedades psicóticas e prevenção* (1992, trad.: Maria Clara de Biase Fernandes), onde o relato das análises da autora com outros dois analistas antes de Winnicott mostra o quanto o excesso de autoconfiança e de fidelidade a esquemas teóricos pode obscurecer a percepção até mesmo de profissionais sérios e inteligentes.

Comentário.

Essa nota de Bogomoletz foi indevidamente colocada no corpo do texto junto com uma nota de Jane Russo, a primeira tradutora do livro. No parêntese da primeira frase, Bogomoletz implicitamente critica Kalmanovitch por ter suprimido os dois primeiros artigos da sua tradução de *De la pédiatrie à la psychanalyse*, aqueles que tratam de assuntos de pediatria. De fato, devido a essa supressão, o próprio título do livro ficou rigorosamente sem sentido. Além disso, a importância da pediatria na formação das ideias de Winnicott e na sua clínica deixou de ser assinalada. Na segunda nota, Bogomoletz retoma o relato de M. Little sobre o seu tratamento por Winnicott para enfatizar a diferença entre a psicanálise tradicional e a análise modificada de Winnicott, que inclui, como ingrediente essencial, o procedimento de manejo, específico da clínica pediátrica.

Página 154, nota 1.

O termo “não-integração” é empregado por Winnicott, aqui, de um modo que nada tem a ver com a sua formulação mais tardia a respeito da personalidade ainda não integrada. Aqui, o termo se refere claramente a uma deficiência no processo de integração, e não à ausência de integração natural nos estágios iniciais do processo.

Página 230, nota 1

Ruthless (adj.): Sem compaixão ou piedade (“ímpiedoso”). *Ruthlessness* (subst.): Presença (ou qualidade) da ausência de piedade ou compaixão. O dicionário *Macmillan* (1973) dá estas acepções ao verbete *ruth*: n. Archaic. 1. *Pity; compassion*. 2. *Sorrow; remorse*. (*Old Norse hrygth, affliction, sorrow*). Portanto, temos as ideias de: 1. Piedade, compaixão; 2. Tristeza, aflição, pesar (*sorrow*); e 3. Remorso, arrependimento. Considerando o sentido do termo conforme Winnicott o usa em vários contextos, é possível concluir que se trata muito

mais de “piedade” e “compaixão” que de “tristeza” ou “remorso”. Numa “Nota Introdutória à Tradução” para o livro *Natureza humana* (ver Imago, 1991), eu havia explicado que por não conseguir um correspondente unívoco em língua portuguesa ocorria-me como solução empregar o termo no original. Atualmente creio que, como exercício de tradução, e considerando que nem a tradução nem a psicanálise são ciências exatas (embora não necessariamente “inexatas”...), os termos “piedade” (com o adjetivo muito adequado “impiedoso”) ou “compaixão” (segundo o *Aurélio*, “Pesar que em nós desperta a infelicidade, a dor, o mal de outrem”) parecem-me muito próximos da intenção de Winnicott, principalmente se não nos fixarmos numa única palavra julgada “a melhor”. Utilizarei, portanto, ambos os termos, de forma deliberadamente indistinta. A ideia básica é a de que é *ruthless* quem não percebe ou não dá importância à dor que provoca. Por exemplo, os carnívoros são inteiramente *ruthless* em relação ao sofrimento de suas presas, e é precisamente esta a ideia que Winnicott deseja passar. Por outro lado, a partir destas conotações da noção de *ruthlessness* é fácil deduzir o sentido exato da ideia de *concern* conforme Winnicott a utiliza. O *concern* (que Zeljko Loparic e Elsa Oliveira Dias traduzem como “concernimento”) implica inevitavelmente no oposto exato da *ruthlessness*, ou seja, na presença da capacidade de importar-se ativamente com o bem-estar do outro.

Página 264, nota 1

Imagino que, se pudesse reescrever essa formulação em termos mais atuais, Winnicott teria usado a noção de “sujeito” para falar dessa situação. O bebê que “reage” (em vez de “agir”) não é, obviamente, o sujeito da situação.

Página 290, nota 1

A expressão *to be unconcerned* indica precisamente a ausência de preocupações com as consequências de um ato, e pode ser traduzida de modo não literal por “isto não me importa”.

Página 305, nota 1

Não se usa, em português, a expressão “criar crianças”. O verbo “criar” é usado para descrever a longa série de cuidados que permitem à criança (própria ou alheia) viver. Talvez não seja a melhor tradução para “*care*”, mas o próprio Winnicott sempre afirmou que é melhor utilizar palavras de uso popular. “Criação de filhos” é, portanto, o modo como traduzi “*child care*” quando “cuidados maternos” não se aplica.

Página 332, nota 1

O termo “psicossoma” foi utilizado por mim ao traduzir *Natureza humana* (Imago, 1991), e não tenho notícias de que tenha sido contestado. Creio expressar assim a verdadeira intenção de Winnicott, até onde alcança o meu entendimento.

Página 344, nota 1

O termo (em inglês: *psyche-soma existence*) é aqui empregado, obviamente, no sentido de uma vida onde psique e soma estejam integrados, e não no sentido usualmente atribuído a esse termo.

Página 359, nota 1

Ou, como preferem Zeljko Loparic e Elsa Oliveira Dias, pré-concernimento. Em continuação ao exposto em Nota do Tradutor no Capítulo XI: O termo “piedade” é utilizado aqui no sentido afetivo, não religioso. Atribuo-lhe a acepção específica de “ter a capacidade de perceber a dor ou o desprazer alheios”. Infelizmente, a superposição das ideias de “piedade” e “pena” é quase inevitável. Seria importante lembrar, portanto, que não são sinônimos perfeitos, pois “piedade” não implica necessariamente numa desvalorização do objeto da mesma. Para mais informações ver minha discussão na “Nota Introdutória à Tradução”, em D. W. Winnicott, *Natureza humana*, Imago Editora, Rio, 1991. Devo acrescentar, porém, que o termo *concern*, embora tenha também uma conotação aflitiva (*I’m concerned about him*), não denota exclusivamente uma atenção preocupada ou aflita, indicando o interesse pelo bem-estar do outro, o que inclui suas alegrias. Creio, portanto, que se no seu aspecto negativo (ausência de...) é possível manter a ideia de “piedade” (ausência de piedade, ou impiedoso), no seu aspecto positivo talvez se possa utilizar a palavra “interesse”.

Página 367, nota 1

Sim, a palavra *concern* tem também esse sentido de “preocupação”. Mas é um erro dar ao termo este único sentido, como fazem alguns tradutores, pois nesse caso a palavra usada em inglês seria *worry*, e não *concern*.

Página 396, nota 1

Segundo a tradução francesa de Jeannine Kalmanovitch, trata-se de rupturas “na continuidade do ser”.

Página 397, nota 1.

Cf. a famosa declaração de Lacan segundo a qual quem resiste é o analista, não o paciente.

Página 411, nota 1

Obviamente o termo técnico correto seria “furto” e não “roubo”. Aqui pesou mais a linguagem popular.